

O EXPRESSIONISMO

UMA TENDÊNCIA PERENE NA PINTURA

Este artigo, segundo da série "Introdução à Arte Moderna", trata especificamente do EXPRESSIONISMO, uma tendência germânica de pintar, que acabou fazendo escola no restante do mundo. O Expressionismo é também considerado — pela crítica de arte mundial — como um movimento que costuma retornar. É, aliás, exatamente o que ocorre nesse momento na "Documenta", exposição cíclica, atualmente realizada de cinco em cinco anos, em Kassel, Alemanha, exibindo um Expressionismo agressivo e contundente.

Alberto Beuttenmüller

Em artigo anterior, falamos do Impressionismo, uma tendência da pintura da segunda metade do século XIX, que não chegou a formar uma escola ou movimento, justamente porque seus adeptos jamais aplicaram a mesma maneira de pintar, o que criaria um sistema ou cânone impressionista. Ao contrário, Impressionismo era libertação, espontaneidade, liberdade

de captar o efêmero, o fugaz, o fluídico, tudo em movimento — o céu, o ar, a terra, o mar. A liberdade de captação das impressões. Por isso mesmo, seus cultores deixaram os estúdios, onde copiavam seus nus ou naturezas-mortas, e foram pintar a "plein air", fugindo do atelier em busca da luz.

Os impressionistas se agruparam em torno de

Edouard Manet, notadamente os mais jovens, época em que não eram ainda rotulados de "impressionistas", quando em 1865 a tela "Olympia", executada em 1863 por Manet, foi recusada no "Salon", qualificada de obscena. Na realidade, o termo "impressionismo" nasceu de outra tela, esta de autoria de Claude Monet: "Impression, soleil levant", que trazia já em seu título a palavra que rotularia aquele grupo preocupado em produzir luminosidades.

Neste artigo daremos ênfase ao Expressionismo, uma tendência considerada permanente na História da Arte, uma vez que vai e volta, notadamente em épocas de crises íntimas da humanidade, sejam de cunho religioso, social, econômico-financeiro ou mesmo político. O termo — Expressionismo — foi criado pela estética germânica, com o intuito de evidenciar a dualidade classicismo/romantismo e outra, mais essencial, a oposição latinidade/germanicismo. A atual "Documenta" de Kassel, Alemanha, uma exposição que vem se realizando de cinco em cinco anos, coloca novamente o Expressionismo em destaque. Este recolocar aliás o foi com uma violência de cores e texturas jamais vistas na pintura ocidental, deformando a imagem humana às últimas consequências, agredindo-a e pervertendo-a. Saberemos adiante por que o Expressionismo, manifestação dos povos eslavos, nórdicos e germânicos, sempre favoreceu as diferenças individuais, o nacionalismo, as particularidades étnicas e raciais, além de refletir um profundo problema social, servindo, pois, às propostas de artistas do Terceiro Mundo, como já ocorreu no Brasil, via Lasar Segall, neste ano homenageado pelos 25 anos de sua morte, e

no México, com os muralistas Orozco, Rivera e Siqueiros.

**Expressionismo:
duas escolas. Duas formas
de ver e pintar**

O Expressionismo teve dois centros: um na cidade de Dresden, que se denominou de "Die Brücke" ("A Ponte"); e o outro "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"), título de um quadro de Vassily Kandinski, líder espiritual deste último grupo, com sede em Munique. Os partidários de "A Ponte" tiveram como fundador Ludwig Kirchner, um estudante de arquitetura, influenciado pelo neoimpressionismo, pela arte africana e pela gravura oriental, ou seja, sofrendo influência por todos os modismos da época, a segunda metade do século XIX. "A Ponte" iniciou suas atividades em 1905, e o grupo dissolveu-se por volta de 1913. "O Cavaleiro Azul" foi formado em 1911-12. Nos dois grupos, uma subjetividade doentia. Atormentadas por problemas religiosos, sexuais, políticos, sociais e morais, tinham as duas correntes um ponto comum: a metafísica. Para os de "Die Brücke", porém, o problema social constituía ponto de honra, todos empregando sempre uma arte figurativa, deformando a imagem para poderem ressaltar a angústia, a miséria, o sofrimento de suas personagens. "O Cavaleiro Azul" se opunha a uma imagem exterior e era contra todo e qualquer academicismo. Tinha como preceito a fé na "necessidade interior" (Kandinski), o que acabou desaguando na

arte abstrata. Assim, em termos práticos, os dois pólos do Expressionismo se opunham justamente na formulação de sua proposta: "Die Brücke" ("A Ponte") se propunha à denúncia social, ao humanismo, à defesa de minorias raciais, sempre utilizando-se, para isso, da figura humana. "Der Blaue Reiter" ("O Cavaleiro Azul"), ao contrário, não se volta para o exterior do ser ou da natureza, mas sim para o interior do homem, em busca de expressões do íntimo e não de formas, daí receber a denominação de informalismo.

O teórico alemão Wilhelm Worringer, analisando a alma germânica, conseguiu captar duas vertentes, exatamente os dois pólos divisores do Expressionismo: "A realidade que o homem gótico não poderá transformar em naturalidade, por meio de um conhecimento lúcido e perspicaz, foi sobrepujada por esse jogo intensificado de fantasia convertida numa **realidade espectralmente exagerada e distorcida**", análise esta que serve aos artistas figurativos de "A Ponte"; e ainda: "Comum a todos é o impulso irrefreável de atividade, o qual, **não estando vinculado a nenhum objeto, perde-se, por consequência, na infinidade**", o que se encaixa perfeitamente numa espécie de alienação da realidade, característica da arte abstrata.

**Um precursor
do modernismo brasileiro:
Lasar Segall**

Nascido em 1891, na Lituânia (sua cidade natal foi Vilna), hoje pertencente à



Lasar Segall,
que influenciou várias
gerações de pintores brasileiros,
foge ao Expressionismo alemão e volta-se
para motivos essencialmente nossos.
Tela: Mãe Preta (1929)